

Franco: se não cortar gastos, *Economia* Brasil cairá no charlatanismo

Diretor do BC fala para platéia de investidores em Londres

Geneton Moraes Neto

Correspondente

• LONDRES. Numa entrevista em que garantiu que a atitude do Congresso em relação à reforma da Previdência teve um impacto negativo entre os investidores estrangeiros, o diretor da Área Internacional do Banco Central, Gustavo Franco, lançou um alerta no início da noite de ontem, em Londres: ou o Brasil mantém a política de cortar os gastos públicos ou "corre o risco de cair no mesmo tipo de charlatanismo que presidiu outras tentativas, marcadas por milagres, pajelanças, planos cruzados e outras coisas vistas no passado".

Ao comentar a manifestação dos empresários em Brasília e as dificuldades encontradas pelo Governo para aprovar reformas que resultariam em redução dos gastos públicos, o diretor do Banco Central chamou a atenção para um fato que considera importante:

— Não é o Governo gastando que vai provocar crescimento. O que vai provocar crescimento é o Governo oferecer ao setor privado uma economia estável — disse Gustavo Franco para uma platéia de investidores britânicos. — A lógica hoje é diferente da lógica que presidia o crescimento baseado em investimentos públicos, um crescimento inflacionário. A solução, sem enganação, é

reduzir os gastos públicos. E pronto. Não existe milagre nem enganação.

Depois de reconhecer que as reformas estão andando devagar, o diretor do Banco Central alertou que pressões por um crescimento econômico exagerado podem ameaçar a luta contra a inflação:

— Elas podem comprometer a melhor chance que o Brasil já teve de resolver um problema que já dura quarenta anos: a inflação alta — declarou Franco. — Uma economia em processo de mudança enfrenta tensões. Uma política monetária de austeridade de certa forma existe para acomodar este período de tensões e transformações. Digo que seria uma miopia extraordinariamente grande nos encantarmos com idéias de um crescimento rápido agora, um milagre econômico que nos faria perder a chance de resolver a inflação, como tantas outras chances foram perdidas recentemente por miopia política. Não vamos perder.

As políticas monetárias e cambiais não são temporárias

Adiante, o diretor do Banco Central respondeu aos empresários que reclamam de ajustes no câmbio:

— Não há nada de temporário na política monetária nem na política cambial. É preciso perder a noção de que o programa de es-

tabilização é uma espécie de arco-íris temporário, como se nós estivéssemos empurrando uma mola que, depois de solta, explodiria de novo, com a volta da gas-tança. A discussão sobre desfasagem cambial traz a idéia de que o câmbio é desfasado em relação ao passado. Acontece que a situação mudou. As taxas do passado já não fazem sentido. É simples: as taxas de câmbio que hoje servem ao Brasil são diferentes das taxas da época de inflação elevada. A idéia de defasagem, portanto, não faz sentido, porque o passado já não serve como referência.

Gustavo Franco viajou a Londres para anunciar junto a investidores estrangeiros o lançamento de títulos brasileiros no valor de cem milhões de libras esterlinas. Segundo ele, são operações pequenas, mas que servem para alavancar negócios e para aumentar a visibilidade do Brasil no exterior.

Depois de uma semana de contatos com investidores estrangeiros na Europa, Franco disse que dois fatos produziram impacto positivo: a venda da Light e a divulgação dos números do déficit nominal do setor público, o que confirma que a situação fiscal vem melhorando. O impacto negativo entre investidores estrangeiros foi produzido, segundo ele, pela rejeição de pontos importantes da reforma da Previdência. ■